|  |
| --- |
| **Afrânio Peixoto** |

|  |
| --- |
| inShare**Virgínia Barbosa**Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabucopesquisaescolar@fundaj.gov.brPara quem teve o privilégio de conhecê-lo, como eu o conheci, em longo convívio, quase dia a dia, houve dois Afrânios: um que se transferiu para seus livros; outro, que não se separou do próprio Afrânio, e que o acompanhava aos salões, aos encontros de rua, às conferências e às salas de aula. O segundo, sem dúvida alguma, era maior que o primeiro. Porque os livros não conseguiam captar e guardar todo o fulgor da inteligência do mestre baiano, que dava de si, com todo o brilho, no improviso de uma palestra ou de uma conversa. (MONTELLO citado por VENÂNCIO FILHO, 2007, p. 8).O médico, educador e escritor baiano Júlio Afrânio Peixoto, filho de Francisco Afrânio Peixoto e Virgínia de Morais Peixoto, nasceu na cidade de Lençois, estado da Bahia, no dia 17 de dezembro de 1876.Em 1885, sua família mudou-se para Canavieiras. Dali, Afrânio partiu para a capital baiana onde, aos 21 anos, formou-se em Medicina (1897), como aluno laureado.   Sua tese, intitulada *Epilepsia e Crime*, chamou atenção de parte da sociedade médica do país e do exterior e foi reeditada em 1898, com prefácio de Nina Rodrigues e Juliano Moreira – um dos pioneiros da psiquiatria brasileira. Um convite do Dr. Juliano Moreira levou Afrânio para o Rio de Janeiro. Nessa época, início do século XX, já havia escrito *Rosa Mística*, um drama em cinco atos. Na capital do País (RJ), ocupou cargos e funções na área da saúde e da educação: inspetor de Saúde Pública (1902), Diretor do Hospital Nacional de Alienados (1904); professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina (1907); Diretor da Escola Normal (1915) e da Instrução Pública (1916); professor de História da Educação do Instituto de Educação (1932); reitor da Universidade do Distrito Federal (1935).Paralelo a essas atuações, Afrânio Peixoto continuou a escrever. Em 7 de maio de 1910, foi eleito para ocupar a cadeia nº 7 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Euclides da Cunha e tomou posse no dia 14 de agosto de 1911. Neste mesmo ano, escreveu o romance *A Esfinge*, inspirado nas impressões que tivera quando conheceu o Egito. A publicação obteve enorme sucesso e deu ao autor uma posição relevante entre os ficcionistas brasileiros. Entre 1914 e 1922 escreveu uma trilogia de romances da série sertaneja: *Maria Bonita*,*Fruto do Mato* e *Bugrinha*. Mais tarde, em 1929, publicou *Sinhazinha*. Neles se encontram registros dos locais onde Afrânio passou sua infância: Lençois (distrito diamantífero) e Canavieiras (zona cacaueira). Na Academia teve atividades intensas. Fez parte das seguintes Comissões: Redação da Revista da Academia (1911-1920); Bibliografia (1918); e Lexicografia (1920 e 1922), além de exercer o cargo de Presidente (7 de dezembro de 1922 a 20 de dezembro de 1923). Neste último ano, deu início às publicações acadêmicas, denominadas *Coleção de Cultura Nacional*, em que promoveu a edição de vários volumes importantes. Destaquem-se *Prosopopéia*, de Bento Teixeira; a *Música do Parnaso*, as *Obras* de Gregório de Matos, o *Compêndio Narrativo* do Peregrino da América, o *Uraguai,* de Basílio da Gama (edição comemorativa do segundo centenário), as *Poesias,*de José Bonifácio, *Uma Página de Escola Realista*, drama de Castro Alves, a obra de Machado de Assis *Queda que as Mulheres Têm pelos Tolos*,*Os Túmulos,*de Visconde de Pedra Branca e o*Florilégio da Poesia Brasileira*, de Varnhagen, em três volumes, edição anotada por Rodolfo Garcia. Em 1931, a *Coleção de Cultura Nacional*passou a se chamar *Coleção Afrânio Peixoto*, em homenagem ao seu idealizador e realizador.Principais obras: *Rosa mística*, drama (1900); *Lufada sinistra*, novela (1900); *A esfinge*, romance (1911); *Maria Bonita*, romance (1914); *Minha terra e minha gente*, história (1915); *Poeira da estrada*, crítica (1918); *Trovas brasileiras* (1919); *José Bonifácio, o velho e o moço*, biografia (1920); *Fruta do mato*, romance (1920); *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922); *Bugrinha*, romance (1922); *Dicionário dos Lusíadas*, filologia (1924); *Arte poética*, ensaio (1925); *As razões do coração*, romance (1925); *Camões e o Brasil*, crítica (1926); *Uma mulher como as outras*, romance (1928); *História da literatura brasileira*(1931); *Panorama da literatura brasileira* (1940); *Pepitas, ensaio*(1942); *Obras completas* (1942); *Obras literárias*, ed. Jackson, 25 vols. (1944);*Romances completos* (1962). Publicou também numerosos livros de medicina, história, discursos, prefácios.Afrânio Peixoto faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1947.Recife, 22 de novembro de 2012.**FONTES CONSULTADAS**:AFRÂNIO Peixoto. Disponível em: . Acesso em: 22 nov. 2012.AFRÂNIO Peixoto [Foto neste texto]. Disponível em: . Acesso em: 21 nov. 2012.AFRÂNIO Peixoto.  In: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse; Nova Cultural, 1998. v. 18, p. 4518.ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 22, n. 4, dez. 2000. Disponível em: . Acesso em: 16 nov. 2012.VENÂNCIO FILHO, Alberto.*Afrânio Peixoto*. Conferência pronunciada em 27 de março de 2007 na Academia Brasileira de Letras, no ciclo Presidentes da ABL. Disponível em: . Acesso em 19 nov. 2012.**COMO CITAR ESTE TEXTO**:**Fonte**: BARBOSA, Virgínia. *Afrânio Peixoto*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: . Acesso em: dia  mês ano. Ex: 6 ago. 2009.  |

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=930:afranio-peixoto&catid=35:letra-a&Itemid=1>

**Biografia de Carlos Chagas:**

Carlos Chagas (1879-1934) foi médico, cientista, pesquisador e sanitarista brasileiro. Dedicou-se ao estudo das doenças tropicais. Descobriu o protozoário do gênero Plasmodium, causador da Malária. Descobriu também o parasita Tripanosoma Cruzi, transmissor da doença de Chagas.

Em 1901 a Malária atacou vários trabalhadores na construção da represa na região de Santos, em São Paulo, chegando a parar a obra. Carlos Chagas foi recrutado para combater e evitar a propagação da doença, com medidas sistemáticas de saneamento, logo debelou a doença. Atualmente a Malária predomina na Região da Amazônia-Legal. Ainda não existe vacina contra a doença.

Em 1907 teve início a pesquisa sobre a doença de Chagas e só em 22 de abril de 1909 o sanitarista Osvaldo Cruz anunciava à Associação Nacional de Medicina a descoberta por Carlos Chagas da doença de Chagas. Transmitida pelas fezes do inseto hospedeiro, conhecido por barbeiro, por atacar principalmente o rosto das pessoas. O barbeiro vive principalmente nas frestas das casas de barro, na zona rural e tem hábitos noturnos. A picada na pele coça e as fezes do inseto penetra no organismo, causando a doença.

Carlos Chagas (1879-1934) nasceu em Oliveira, Minas Gerais no dia 9 de Julho de 1879, era filho do cafeicultor José Justino Chagas e Mariana Cândida Ribeiro de Castro. Carlos Ribeiro Justino Chagas, seu nome da batismo, ficou órfão de pai quando tinha quatro anos de idade. Estudou no Colégio São Luís, em Itu no interior de São Paulo.

Carlos Chagas ingressou na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, com 18 anos. Em 1902, já formado iniciou sua tese "O ciclo evolutivo da Malária na corrente sanguínea", concluída em 1903. Dedicou-se ao estudo das doenças tropicais, principalmente da Malária. Em 1904 instalou seu laboratório particular no Rio de Janeiro. Por indicação do professor Miguel Couto, passa a trabalhar, com orientação de Osvaldo Cruz, no Instituto Soroterápico Federal, hoje Instituto Osvaldo Cruz.

Carlos Chagas, em 1906, trabalhando no Instituto Osvaldo Cruz, obteve sucesso ao dirigir a campanha de saneamento da Baixada Fluminense, debelando a infestação da Malária. Em 1907 trabalhou num laboratório montado durante as obras da linha de trem da Estrada de Ferro Central do Brasil. Durante dois anos classificou, estudou e identificou no sangue de animais, o protozoário que denominou Tripanosoma Cruzi, aliado a uma infestação de um inseto nas residências rurais, conhecido como barbeiro. Carlos Chagas examinou esses insetos e descobriu que eles eram os hospedeiros da doença de Chagas.

Carlos Chagas foi chamado pelo Presidente Wenceslau Braz para controlar a epidemia que assolou o Rio de Janeiro em 1918. Além da falta de assistência médica, precárias condições de higiene e a falta de saneamento, a gripe espanhola contaminou dois terços da população e fez onze mil vítimas. Carlos Chagas instalou vários postos de atendimento médico, e no Instituto Osvaldo Cruz incentivou a pesquisa da doença e com medidas preventivas a infecção foi debelada no mesmo ano.

Carlos Chagas foi reconhecido por suas pesquisas e descobertas, recebendo prêmios e homenagens de vários países, entre eles, Alemanha, França, Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra e Estados Unidos.

Carlos Chaga morre no dia 8 de novembro, no Rio de Janeiro, acometido por um infarto.

**Informações biográficas de Carlos Chagas:**

**Idade**: 136 anos
**Data do Nascimento**: 09/07/1879
Data da Morte: 08/11/1934
Nasceu há 136 anos
Morreu aos 55 anos
Morreu há 80 anos

<http://www.e-biografias.net/carlos_chagas/>

|  |
| --- |
|  |
| **Dr.Carlos Chagasbiografia** |  |
|  | . |  |
| **Dr.CarlosChagas**[**pequena biografia**](http://www.submarino.net/cchagas/bio.htm)**biografia**[**fotos**](http://www.submarino.net/cchagas/fotbio.htm)[**inicial**](http://www.submarino.net/cchagas/index.htm)[**biografia**](http://www.submarino.net/cchagas/bio.htm)[**a doença**](http://www.submarino.net/cchagas/doe.htm)[**artigos**](http://www.submarino.net/cchagas/art.htm)[**navio**](http://www.submarino.net/cchagas/nav.htm)[**mapa**](http://www.submarino.net/cchagas/map.htm)[**links**](http://www.submarino.net/cchagas/lnk.htm)[**créditos**](http://www.submarino.net/cchagas/crd.htm) | **Trecho (com pequenas adaptações) do livro "Oswaldo Cruz & Carlos Chagas - O nascimento da Ciência no Brasil", de autoria de Moacyr Scliar.****Um ilustre discípulo de Oswaldo Cruz: Carlos Chagas****A infância**          Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas ou, mais simplesmente, Carlos Chagas nasceu aos 9 de julho de 1878, na fazenda Bom Retiro, em Oliveira, Minas Gerais. Descendente de uma tradicional família mineira que produzia café e gado, criou-se ali, numa grande casa em estilo colonial, saboreando tutu, feijão-tropeiro e pão-de-milho; doce de leite e queijo fresco; goiabada... Oliveira era uma cidade pequena mas com uma forte tradição de cidadania; o ensino público era muito desenvolvido, havia uma pequena mas atuante imprensa, representada pela Gazeta de Minas. A família de Carlos Chagas tinha marcante presença na vida cultural da cidade. Carlos, que cedo perdeu o pai, respeitava muito seus tios, mas foi sobretudo sua mãe, Mariana Cândida, mulher digna e com muita consciência do dever público, quem o influenciou. Mesmo adulto, Chagas não ousava nem sequer fumar em sua presença – seria falta de respeito.          Iniciou seus estudos num internato jesuíta no município paulista de Itu, e completou-os em São João del Rey, no Colégio São Francisco, onde teve um excelente professor. Padre Sacramento ia para o campo junto com os alunos observar e classificar plantas e animais – atividade que logo despertou no garoto Carlos o interesse pelas ciências naturais. Terminado o colégio, a mãe, com sua peculiar determinação, decidiu que ele deveria seguir o curso de engenheiro de minas. Na verdade, Carlos Chagas queria ser médico, como dois de seus tios; mas, para satisfazer Mariana Cândida, cedeu na escolha. Foi reprovado nos exames vestibulares. Na mesma época, adoeceu – alimentando-se mal, teve, ao que parece, carência de vitaminas – e voltou para casa. Tratou-o um dos tios médicos, e decerto as longas conversas que tiveram reforçaram em Carlos a vontade de seguir medicina. O tio e o avô encarregaram-se de convencer a mãe. Mariana levava mais fé na engenharia – coisa objetiva, "concreta" – do que em cuidar de doentes, mas acabou concordando.          Carlos Chagas foi aprovado para a então Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que começou a cursar em 1897. Não conhecia o Rio, mas vários amigos, mineiros como ele, viviam na cidade. Um primo, Augusto das Chagas, era inclusive deputado federal.          Foi morar em uma pensão para estudantes na Tijuca, bairro aristocrático, muito bonito e arborizado. Descobriu logo, porém, que no Rio de Janeiro daquela época a Tijuca era uma exceção: no Catumbi, no Rio Comprido, na Lapa, as casas eram miseráveis, as condições de higiene, péssimas – as doenças ali campeavam. Mas, embora fosse uma época de grande agitação política, Carlos Chagas não se engajou em nenhum partido, tampouco aderiu, como era moda entre os jovens de sua idade, ao pacitivismo que, como vímos na história de Oswaldo Cruz, transformou-se no, Brasil, em uma forma de articulação política. Que a Carlos Chagas não interessava. Pretendia dedicar-se apenas à medicina.**Na Faculdade**          O estudo da medicina era uma coisa solene. Os alunos iam às aulas de terno, colete, colarinho duro e gravata – o que, no tórrido clima do Rio, era um suplício. Os professores vestiam com mais apuro ainda: sobrecasaca ou fraque cinza, chapéu coco. Ou seja: imitavam os europeus, coisa que Oswaldo Cruz também fez ao votar de Paris. Chegavam à faculdade em elegantes caleches (carruagem de quatro rodas e dois assentos, puxada por uma parelha de cavalos), entravam no auditório – onde já estavam os alunos – por uma porta especial. As aulas eram verdadeiras conferências proferidas em tom doutoral. Muitos dos catedráticos eram famosos: Chapôt-Prevost , professor de Histologia (a ciência que estuda os tecidos) e conhecido cirurgião, celebrizou-se com a dificílima operação em que separou gemêas xipófogas, unidas pelo esterno (o osso no centro do peito). Também famoso era Miguel Couto (1865-1934), grande clínico e também mais tarde político, de quem Chagas se tornou discípulo; Couto mostrava-lhes casos de doentes e orientava-o nas leituras médicas. Um conselho foi particularmente útil: as recomendações para conhecer as obras de Claude Bernard e Louis Pasteur. Esses dois cientistas franceses marcaram a história da medicina.          A propósito, Chagas era um grande leitor. Devorava as obras de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Artur de Azevedo, Machado de Assis, e também de Alexandre de Herculano, Eça de Queiroz, Anatole France. Lia inclusive em francês, que dominava, e que era, o idioma da cultura universal, o equivalente ao inglês nos dias de hoje. E este vasto conhecimento, sem dúvida, ajudou muito em sua carreira. Um bom cientista é aquele que não apenas conhece o campo em que trabalha, a sua especialidade, mas tem também uma visão abrangente do mundo e da sociedade, coisa que bons escritores, como Machado de Assis, proporcionam.          Além de Miguel Couto, um outro médico influenciou o jovem Carlos Chagas: Francisco Fajardo, especialista em malária, professor da Faculdade. Fajardo tomou a iniciativa de dar um curso sobre a doença; para isso, precisava de um auxiliar, alguém que soubesse preparar uma lâmina com sangue de pacientes, identificando, ao microscópio, o agente causador da malária. Descobriu, para a sua surpresa, que Carlos Chagas, entao no quarto ano de Medicina, cumpria perfeitamente tais tarefas. Aliás, Carlos era um estudante exemplar; não apenas no laboratório se saía bem, seguia com maestria também nas disciplinas clínicas. Trabalhou com dedicação assombrosa nas enfermarias da Santa Cruz. Fazia contínuos plantões, chegando, certa vez, a passar uma semana sem ir para a casa; acompanhava um colega enfermo de febre amarela, seu parente, que veio a morrer da doença. Entre os colegas, era conhecido como "estudante de duas velas". Naquela ocasião, estudava-se à luz de velas – duas, no caso de Carlos Chagas, o que significava um longo tempo de estudo. Só saía para passeios ao zoológico.duasvelas.jpg (37887 bytes)*Carlos Chagas "o duas velas". Desenho de Sérgio Kon.*          Contudo, foi uma festa que lhe mudou a vida. A convite de Miguel Couto, participou numa reunião em casa do senador (por Minas Gerais, naturalmente), Fernando Lobo. Ali conheceu Íris, a filha mais velha do anfitrião, por quem se apaixonou. Numa época muito recatada como aquela, namorar não era fácil. Mas Carlos foi ajudado por Fajardo, que lhe trouxe um bilhete da moça: ela queria vê-lo, no domingo, no bonde que passava as quatro da tarde em frente a casa do senador. E foi o que Carlos fez: tomou o bonde para que Íris o visse, mesmo de longe. Esse namoro a distância durou algum tempo, muito prejudicado pela irregularidade do horário dos veículos, que eram puxados por inconfiáveis muares ou se atrasavam por causa das chuvas. A mãe de Íris também não se mostrava muito favorável ao romance. Carlos Chagas era ainda estudante, sem meios de ganhar a vida. Além disso, a racista Maria Lobo suspeitava de que ele, apesar de loiro e de olhos azuis, tivesse sangue negro. Íris, contrariada em seu amor, trancou-se no quarto, onde fez greve de fome. Os pais por fim consentiram no namoro, que por fim se transformaria, em 1904, em casamento.          Em 1902, prestes a terminar o curso, Carlos Chagas encontrou um médico que encaminharia sua carreira. Naquela época, para receber o diploma, era necessário elaborar uma tese de doutoramento – uma exigência depois abolida, sobretudo pela má qualidade dos trabalhos apresentados. A conselho de Francisco Fajardo, procurou Oswaldo Cruz no Instituto de Manguinhos, por ele dirigido. Impressionado com o conhecimento e com a seriedade do jovem doutorando, Oswaldo sugeriu-lhe que estudasse a malária que era então, como ainda hoje, uma doença muito frequente e que causava numerosas mortes. Carlos Chagas começou a frequentar o Instituto. Hoje, o trajeto do centro do Rio até a sede do Instituto pode ser feito de ônibus ou carro, em pouco tempo. Naquela época, porém, o "único meio de transporte era uma lancha que saía do cais Pharoux (o Cais Pharoux ficava aproximadamente onde hoje são as adjacências da região da Praça XV; nas proximidades de onde está o Museu Histórico Nacional) às sete da manhã, regressando às dezoito horas. E Oswaldo Cruz fazia questão que o horário fosse cumprido rigorosamente.**Começando a carreira**          A tese foi defendida em 1903, e logo depois Oswaldo Cruz convidou-o para trabalhar no Instituto. Carlos, entretanto, achava que sua verdadeira vocação era cuidar de doentes; assim, pediu tranferência para o Hospital de Jurujuba, também do governo, onde internavam-se doentes portadores de peste bubônica – à época, uma doença muito comum. A o mesmo tempo, abriu consultório no centro do Rio. Recebia doentes que lhe eram enviados por Miguel Couto e por Salles Guerra, amigo de Oswaldo Cruz. Era um bom médico, mas não sabia cobrar; ao contrário, às vezes dava dinheiro aos pacientes para que comprassem os remédios por ele prescritos. Em consequência, a clínica não lhe cobria as despesas, mesmo porqque àquela altura já estava casado e tinha um filho.          Foi então que ocorreu uma nova, e decisiva, virada em sua vida. A Companhia Docas de Santos estava realizando, em Itatinga, no litoral paulista, uma importante obra portuária – que se viu paralisada devido a malária que grassava entre os operários. Solicitaram a Oswaldo Cruz que indicasse um médico capaz de enfrentar a situação. Carlos Chagas – por causa, evidentemente, de sua tese sobre malária – era a pessoa talhada para isso. Àquela altura, já se conhecia bem o mecanismo de transmissão, e o plano de Carlos Chagas consistia basicamente em combater o mosquito transmissor da doença, o que foi feito com grande êxito: em três meses a epidemia estava praticamente controlada.          Voltando ao Rio, Chagas foi convidado para trabalhar na equipe de Manguinhos, capitaneada por Oswaldo Cruz. Com notáveis cientistas – Rocha Lima, Arthur Neiva, Beaurepaire Aragão, Ezequiel Dias – e com a regular participação de pesquisadores europeus especialmente convidados, Manguinhos era a própria imagem da medicina científica no Brasil. Chagas colaborou especialmente com Max Hartmann, renomado especialista em protozoários, categoria na qual se enquadra o plasmódio, agente causador da malária. Também continuou com seu trabalho de campo, participando do combate à malária no vale de Xerém, de onde era captada a água para abastecimento do Rio de Janeiro.**A grande descoberta**          Em 1909, Chagas foi convidado para um trabalho que, em aparência semelhante aos que já havia executado, seria, na verdade, uma nova e grande oportunidade em sua vida dedicada à ciência.          A Estrada de Ferro Central do Brasil participava de um grande projeto: unir, por ferrovia, o norte e o sudeste do Brasil, de Belém do Pará ao Rio de Janeiro. As obras, contudo, estavam paralisadas – por causa da habitual malária – na altura do vilarejo chamado Lassance, no sertão mineiro. De novo Oswaldo Cruz foi consultado; de novo indicou Carlos Chagas, que partiu para o local acompanhado de Belisário Penna, levando inclusive equipamento laboratorial.          Em Lassance, Chagas encontrou numerosos casos de uma doença que nada tinha a ver com a malária. Muitas pessoas queixavam-se daquilo que chamavam de "baticum":palpitações, sensação de que o coração não batia normalmente. E não era imaginação. Havia mesmo muitos casos de insuficiência cardíaca, isto é, situações em que o coração falhava. E havia também casos de morte súbita, provavelmente pela mesma causa.          Naquela época o diagnóstico que se fazia para casos assim era o de sífilis. Esta doença é causada por um germe chamado treponema, que se transmite pelo contato sexual. Nos estágios avançados, a doença ataca o aparelho cardio-vascular. Era muito freqüente, principalmente porque não havia tratamento - a penicilina, que é muito eficaz contra o treponema, ainda não fora descoberta. O número de casos era muito grande; "no Brasil é preciso pensar sifiliticamente", diziam os médicos. Em Lassance havia uma fonte evidente de contágio: as prostitutas que acorriam ao lugar para "atender" aos trabalhadores da estrada de ferro. Já a gente do lugarejo, desnutrida, enfraquecida pela malária, não parecia muito chegada ao sexo. E, entre essas pessoas, o número de doentes era muito grande.          Esse fato chamou a atenção de Chagas e mostrou sua vocação – o verdadeiro cientista é aquele que não se deixa enganar pelas aparências, vai além e procura explorar todos os aspectos do fenômeno que está observando, inclusive, e principalmente, os mais intrigantes. Isso lembra, aliás, um famoso diálogo entre Sherlock Holmes e seu companheiro, doutor Watson. Sherlock Holmes é um personagem criado pelo inglês Arthur Conan Doyle, que além de escritor era médico, e exerceu a medicina numa época em que se valorizava bastante o raciocínio na prática clínica. O doutor muitas vezes agia como um verdadeiro detetive, buscando o vilão causador da doença. No referido diálogo, Holmes está conversando com Watson acerca de um crime e refere-se ao "curioso incidente" ocorrido à noite com o cão de guarda da casa que fora cenário do delito. "Mas o cão não fez nada", protesta Watson. "Isto é que é curioso", replica Holmes. De fato, o cão deveria ter latido à aproximação de alguém estranho. Por que não o fez?          Essa mesma curiosidade assaltou Chagas. O senso comum apontava para a sífilis; mas, e se não fosse sífilis? Se fosse uma outra enfermidade? Uma outra doença? O que estaria causando? Como seria transmitida?          Chagas estava às voltas com essa dúvidas, quando um engenheiro da estrada de ferro, Cantarino Motta, fez um comentário sobre a enorme quantidade de "barbeiros" no local. Barbeiro é a denominação para insetos semelhantes a percevejos; são bichos noturnos: de dia escondem-se nas frinchas e frestas das casas de taipa ou pau-a pique, à noite saem para picar os moradores, de cujo sangue se alimentam. Como as pessoas em geral estão cobertas, eles escolhem a face – daí o nome.          Examinando ao microscópio o conteúdo do tubo digestivo desses insetos, Chagas fez uma grande descoberta: havia ali tripanossomos, um parasita composto de uma célula só. Na África, um certo tipo desse parasita causa a doença do sono, assim chamada pela sonolência decorrente do comprometimento do sistema nervoso central. Naquela época, essa moléstia estava em evidência; muitas regiões atingidas eram colônias de países europeus, que para lá mandavam seus pesquisadores.          Ora, a doença de Lassance poderia ser causada por um tripanossomo. Chagas decidiu verificar experimentalmente, em macacos, a possível capacidade de esse parasita infectar mamíferos. Mas os sagüis da região, freqüentemente infectados, não serviam para isso. Enviou, então, a Oswaldo Cruz alguns barbeiros, pedindo que tentasse infectar os macacos do laboratório – o que Oswaldo fez. Vários dias se passaram, dias de espera ansiosa. E então chegou a mensagem de Manguinhos: um dos macacos adoecera. Chagas deveria ir a Manguinhos identificar o tripanossomo. Partiu imediatamente.          "Quantas esperanças e quantas angústias lhe terão assaltado o espírito na longa viagem que empreendeu?", pergunta Carlos Chagas Filho no livro que escreveu sobre o pai. E era, de fato, uma longa viagem, com muitas baldeações e atrasos. Finalmente chegou. Oswaldo Cruz, tão ansioso como Chagas, mandara um automóvel buscá-lo na estação ferroviária, de onde imediatamente seguiu para o Instituto. Ali estava o macaco infectado, bastante debilitado. O cientista colheu o sangue e examinou ao micrscópio: encontrou o mesmo tripanossomo a que verificara nos barbeiros e nos macacos de Lassance, posteriormente denominado Tripanossomo cruzi, em homenagem a Oswaldo.          A infecção de mamíferos pelo T. cruzi estava comprovada. E quanto à infecção de seres humanos?          No dia 14 de fevereiro de 1909, foi trazida ao caramanchão onde Chagas às vezes atendia pacientes – consultório ali não havia – uma menina de nove meses, Berenice, que ele já conhecia e por quem nutria sincera afeição. A menina apresentava febre alta e inchume no rosto e no corpo. O caso não era parecido aos de outros doentes de Lassance; mesmo assim Chagas resolveu colher o sangue da doentinha. Examinou-o ao microscópio e ali estava o Tripanossomo cruzi. Era o primeiro caso em que comprovava a associação do parasito com a doença – e com isso Chagas completava um trabalho extraordinário, jamais realizado na medicina: ele descobrira uma nova doença, identificara o agente causador e o mecanismo de transmissão.**A repercussão**          O passo seguinte era divulgar a descoberta, o que Chagas fez em revistas nacionais e estrangeiras. A Academia Nacional de Medicina constituiu uma comissão de renomados médicos para ir a Lassance avaliar de perto o trabalho. Concluída a auditoria, reuniram-se num modesto jantar, à luz de lampiões, e foi ali que Miguel Couto propôs: a doença deveria receber o nome de Chagas, seu descobridor. Uma proposta que foi aceita por todos os membros da comissão.          Sem demora a doença começou a ser identificada em outros países das Américas. Sucederam-se as homenagens, que culminaram, em 1912, com o Prêmio Schaudinn, uma espécie de Nobel da microbiologia, de cujo júri participaram os nomes mais famosos da área.          Outro talvez ficasse curtindo a glória. Não Chagas. Ele era um cientista, a ciência era a razão de ser de sua vida. Naquele mesmo ano seguiu para a Amazônia acompanhado de uma equipe, a fim de realizar um levantamento dos problemas de saúde da região – trabalho iniciado pelo próprio Oswaldo Cruz. Um ano durou essa difícil missão, realizada em condições as mais precárias; muitas vezes dormia ao relento, em redes ou em camas improvisadas.          Voltando ao Rio, foi convidado a ir à Argentina, onde sua descoberta era colocada em dúvida por ninguém menos que Rudolph Kraus, diretor do Instituto de Bacteriologia de Buenos Aires. Kraus alegava ter encontrado em regiões da Argentina barbeiros com tripanossomos – sem a paralela ocorrência de casos. Chagas ponderou que o parasito talvez ainda não tivesse se adaptado aos seres humanos, ou – hipótese mais provável – que os médicos não estivessem familiarizados com o diagnóstico da doença.          Durante esta visita à Argentina ocorreu um incidente pitoresco. Chagas foi visitar o laboratório de Kraus e saiu de lá com um enorme sobretudo, que lhe chegava aos pés: era o sobretudo do próprio Kraus, que levara por engano. Chagas era o protótipo do cientista distraído, desses que até se transformam em personagens de anedotas. Uma vez, em sua própria casa, a empregada serviu-lhe um café. Ele tirou dinheiro do bolso e depositou-o na bandeja, "pagando" pelo café. Numa outra vez, recebeu a visita de um jovem médico que vinha, com a esposa, agradecer-lhe um favor e demorou mais que o habitual nessas visitas. Lá pelas tantas, Chagas, esquecendo que estava em sua própria casa, olhou as horas e disse à mulher: "Íris, está na hora de voltar para a casa". Mas sua distraçao chegou ao auge quando, numa cerimônia internacional em Bruxelas, recebeu do rei Alberto, da Bélgica, uma importante condecoração – esqueceu-a na mesa do banquete. Um ajudante-de-ordens do rei levou-a depois para o hotel.          Neste episódios ele poderia estar sendo vítima de seu próprio inconsciente, como diz Freud. Afinas, raras coisas são piores do que uma visita chata – e talvez ele não valorizasse tanto assim a condecoração real (ou não valorizasse como devia o próprio trabalho).**Chagas, o administrador de saúde**          Voltando da Argentina, recebeu uma triste notícia: Oswaldo Cruz, que há tempos estava doente, piorara muito e falecera a 11 de fevereiro de 1917. Para Chagas, quemal conhecera o seu próprio pai, Oswaldo Cruz havia sido, mais que um mestre, uma verdadeira figura paterna. Ficou muito abalado. Mas, sendo o sucessor natural do grande sanitarista, naquele mesmo fevereiro foi nomeado para a direção do Instituto. Isso o obrigou a se afastar da pesquisa laboratorial; daí em diante seria, antes de mais nada, um administrador. E um administrador muito solicitado pelo governo.          Já no ano seguinte eclodiu no país uma epidemia da tristemente famosa gripe espanhola (não se sabe bem por que assim foi denominada; parece que começou na Espanha, mas isso não é certo). Da Europa devastada pela Primeira Guerra, a doença alastrou-se pelo mundo, levada inclusive pelas tripulações de navios. No Rio de Janeiro, a doença fez logo numerosas vítimas. Numa tese do ano posterior, conta o doutorando Eduardo Imbassahy: "A população quase inteira tombou ao sopro terrível e fulminante que nos vinha das plagas ocidentais e, de um momento para outro, uma das mais alegres cidades do mundo surgiu silenciosa, erma e triste, com as ruas abandonadas, as casas fechadas, o comércio parado, os veículos imóveis". Não havia sequer condições para enterrar o grande número de mortos; presos da penitenciária faziam o serviço. Faltavam caixões, de modo que os corpos eram atirados em valas comuns, ou recolhidos por caminhões particulares que passavam pelas ruas, os motoristas gritando" "Tem cadáver aí?".          Não havia vacina contra a doença, nem antibióticos para tratar suas complicações. Tudo o que podia ser feito era providenciar locais de atendimento e leitos hospitalares para os enfermos, tarefa da qual Chagas, designado pelo Presidente da República, Venceslau Brás, se encarregou. Era um trabalho essencialmente administrativo, mas muito difícil: Chagas, ele próprio doente, tinha também de cuidar de sua família, a esposa, gravemente enferma, e os dois filhos. Mas ele se saiu tão bem, que foi convidado por líderes políticos a candidatar-se ao senado. Recusou.          Ainda nessa época, encarregou-se de organizar, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a cadeira de Medicina Tropical. "Medicina Tropical" é uma expressão que já não se usa mais (em Manaus existe o Hospital de Medicina Tropical), mas no século XIX e princípios do século XX gozava de prestígio, por uma razão mais política do que geográfica: "trópicos eram os lugares onde se desenvolviam arrojados empreendimentos colonialistas ou empresariais – mineração, exploração de produtos vegetais, construção de ferrovias e de grandes obras, como o Canal do Panamá. Doenças chamadas "tropicais", como febre amarela, malária, doença do sono, leishmaniose e outras, representavam um problema, tanto pelas vidas humanas que ceifavam, como pelos prejuízos econômicos que produziam. Com o fim dos impérios coloniais e com a constatação de que os micróbios não tinham preferência só pelos subdesenvolvidos, surgiu a expressão, cientificamente mais exata, doenças transmissíveis.**A glória – e a polêmica.**          O prestígio de Chagas era enorme. Viajava pelo mundo todo, participando de congressos e reuniões científicas. Recebeu comendas e títulos, conferidos por vários governos, e foi convidado para o Comitê de Higiene (outro termo em desuso) da Sociedade das Nações, precursora da Organização das Nações Unidas, ONU, que tem como um de seus ramos a Organização Mundial da Saúde. Nessas viagens, ficou conhecendo expoentes da medicina mundial. Foi em Toronto que encontrou os médicos e fisiologistas canadenses Frederick Banting (1891-1941) e Charles Best (1899-1978) que, alguns meses antes de sua visita, haviam descoberto a insulina – uma revolução no tratamento do diabete. Coincidência: pouco depois, a própria esposa de Chagas revelou-se diabética e tratou-se, com sucesso, com a insulina de Banting e Best.          Apesar desse prestígio, ou justamente por causa dele, Carlos Chagas se viu envolvido em polêmicas e incidentes desagradáveis. A primeira delas ocorreu na Academia Nacional de Medicina em 1922. Alguns membros da instituição – que congregava médicos famosos, mas tinha escasso papel no cenário científico – colocaram em dúvida o trabalho de Chagas. A doença por ele descrita não existiria, ou então seria um problema de saúde restrito à região de Lassance, atingindo no máximo algumas dezenas de pessoas. Essa polêmica estava associada, na verdade, a uma briga de poder e prestígio, mas Chagas saiu vitorioso, mesmo porque o tempo encarregou-se de mostrar que ele tinha razão.          Outro incidente ocorreu quando voltava de uma viagem à Europa, em 1930. Mal o navio atracara, um oficial subiu a bordo e deu-lhe voz de prisão. Naquele ano ocorrera a famosa Revolução que conduziu Getúlio Vargas ao poder. Mineiro, Chagas dera apoio à Aliança Liberal, formada por políticos de seu estado e de São Paulo, que se haviam oposto ao movimento. Entretanto, o motivo de sua prisão (que durou poucas horas) não foi exatamente esse, mas a denúncia de um médico, um urologista que tinha como sócio um charlatão capaz, segundo afirmava, de curar a lepra, doença para a qual não havia tratamento eficaz naquele tempo. Chagas, na qualidade de Diretor de Saúde Pública, cargo também exercido por Oswaldo Cruz, mandar fechar o consultório do homem – que aproveitou a primeira oportunidade para se vingar.          Chagas era criticado por vários motivos. Por exemplo, pelos três cargos que detinha. Austragésilo de Athayde, mais tarde presidente da Academia Brasileira de Letras e, à época, jovem jornalista, escreveu: "O dr. Chagas quer figurar em todas as folhas de pagamento do Tesouro Nacional: Diretor do Instituto de Manguinhos, Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, professor de Doenças Tropicais da Faculdade de Medicina." O que não deixava de ser verdade, embora Chagas não recebesse como diretor do Instituto. Além disso, até há pouco tempo era comum que médicos trabalhassem em vários lugares mesmo no serviço público: a Constituição permitia.          Da era Oswaldo Cruz, Chagas também herdou polêmicas. Uma: a vacinação anti-variólica obrigatória que ele, como seu mestre, defendia. A varíola era uma doença epidêmica da qual o mundo veio a se livrar no final da década de 1960 graças, exatamente, às campanhas de vacinação; naquele tempo, porém, ainda havia discussões a respeito. Dois tipos de argumento eram usados. Na Alemanha, onde a vacinação era obrigatória, dizia-se que a varíola tinha causado 140 mil mortos, uma meia verdade: a vacina era obrigatória, sim, mas só para militares, e os mortos eram civis. Quando a vacinação estendeu-se a toda população, a doença praticamente desapareceu. O outro argumento, já mencionado, era de ordem filosófica e política: a obrigatoriedade violentava a liberdade individual. Mas, observava Chagas, "os que aconselham o povo a rebelar-se contra a vacinação compulsória vacinam-se e fazem com que seus filhos sejam vacinados". Ou seja: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. De qualquer maneira, havia um certo ranço autoritário nessas medidas obrigatórias, e esta foi a causa da disputa em torno do Código Sanitário que Chagas, na linha de Oswaldo, estava propondo.          É preciso dizar que, nesse meio tempo, a Diretoria Nacional de Saúde Pública se tinha transformado, em 1920, por decreto do presidente Epitácio Pessoa, em Departamento Nacional de Saúde Pública, o que representava mais autonomia e mais recursos. Na direção do Departamento, Chagas tomou dois tipos de medidas. Uma de caráter interno, criando Diretorias que deveriam se encarregar dos vários problemas de saúde pública: fiscalização dos alimentos, tuberculose, lepra, doenças venéreas. Eram atividades verticais; do Rio de Janeiro, o orgão encarregado controlava as ações executadas em todo o país. A vantagem disso era a ação unificada; a desvantagem, o fato de marginalizar estados e municípios, que se viam no papel de meros executores.          A outra medida foi o Código Sanitário. Com 1194 artigos, o Código regulamentava – do ângulo da saúde pública – praticamente todas as atividades do ser humano. Dizia como as pessoas devem morar, como devem lavar a roupa, como devem construir as casas. De novo: do ponto de vista técnico e científico, o código tinha fundamento, mas a maneira como foi implementado acabou gerando protestos, inclusive e principalmente da imprensa, que o atacava quase com a mesma veemência despejada contra Oswaldo Cruz. Um dos artigos, por exemplo, proibia estábulos em áreas residenciais. Dizia-se que Chagas estava agindo em causa própria: queria eliminar um estábulo que existia perto de sua própria casa, na Rua Paissandu. Proprietários de estábulos, indignados, quase invadiram a residência dele.          Problemas ainda maiores surgiram no final de sua gestão, em 1926. O primeiro deles foi um surto de febre amarela, resultado, segundo os opositores de Chagas, de um desleixo no combate à doença que, contudo, não havia sido erradicada. A erradicação de uma doença significa a não existência de casos. É diferente de controle da doença, situação na qual os casos existem, mas a saúde pública tem conhecimento deles e pode impedir a disseminação da doença. A febre amarela chegou, em alguns momentos, a estar próxima do controle, mas nunca foi erradicada. Portanto, poderia voltar – como aconteceu, e como tem acontecido recentemente.          O segundo problema foi igualmente grave: um surto de varíola eclodiu quando Chagas estava em viagem. Regressando, ele investigou o problema e descobriu, para sua desagradável surpresa, que a vacina não funcionava por deficiências técnicas em sua preparação. Não hesitou: foi à imprensa e contou o que estava acontecendo. Mais uma prova de seu inabalável caráter.          Morreu relativamente cedo, aos 54 anos, já transformado em uma figura lendária da Medicina e da Ciência no Brasil. |  |

<http://www.submarino.net/cchagas/liv.htm>

Voces sabiam que um brasileiro já ganhou o prêmio Nobel?

O brasileiro Peter Brian Medawar, filho de uma inglesa com um libanês, nasceu em Petrópolis, RJ. Foi laureado com o prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina, em 1960. Entretanto, por não ter servido no Serviço Militar Obrigatório, Peter perdeu sua cidadania, tendo então adquirido cidadania inglesa, logo o prêmio acabou somando nas conquistas inglesas e não brasileiras. Outros três brasileiros, digamos, bateram a bola na trave a ela ainda caiu em cima da linha do gol. Foram eles Mario Schenberg, pernambucano, Carlos Chagas e Carlos Drummond de Andrade, mineiros. O primeiro era considerado por muitos como o maior físico-teorico de seu tempo, tendo o próprio Einstein dito: "Se eu tivesse de escolher um cientista como continuador de minha obra, seria o brasileiro Schenberg". Carlos Chagas foi o que mais chegou perto, foi indicado quatro vezes. Para o prêmio de 1921 a instituição que realiza o prêmio procurou referências sobre Carlos no Brasil. Seus "colegas", no entanto, disseram que ele não fazia jus a tamanho título. Curiosamente, no ano de 1921 não houve vencedor para o prêmio na área de Fisiologia ou Medicina. Já Carlos Drummond também foi procurado para traduzir algumas de suas obras para a instituição, sendo que nesse momento seu nome já estava sendo fortemente atrelado ao prêmio, mas ele simplesmente ignorou a solicitação. Outros importantes brasileiros também já concorreram ao famigerado prêmio:
Cesar Lattes

Celso Furtado

Jorge

Maurício Rocha e Silva

Sérgio Henrique Ferreira

O bioquímico paulista Sérgio Henrique Ferreira (1934-) é um jogador criativo e que não sai da área. Recebeu o passe de Rocha e Silva e desenvolveu a jogada, ajudando na criação de drogas a partir da bradicinina. Fez tabelinha com o britânico John Vane, num lance que valeu o Nobel de Medicina em 1982. Mas a cartolagem premiou só o gringo.

Jorge de Lima

O alagoano Jorge de Lima (1893-1953) foi um talento reconhecido em 1947 por um olheiro do Nobel. Impressionado com a obra do poeta, Artur Lunkvist convenceu a academia a dar o Nobel de Literatura a ele no ano de 1958, já que havia uma lista de autores para ganhar antes. Infelizmente, Jorge morreu em 1953. E o Nobel só premia vivos.

Otto Gottlieb

Dom Paulo Evaristo Arns

Obviamente temos que considerar a "cartolagem" do Nobel, caso contrário, certamente algum outro brasileiro já teria ganho. Menção honrosa para o potiguar Carlos Paz de Araújo. Completamente anônimo no Brasil, ele já tem mais de 600 patentes, a maioria na área de nanotecnologia e que lhe renderam mais de R$ 300 milhões. Foi o único brasileiro a vencer o prêmio Daniel Noble Award - uma premiação considerada o Prêmio Nobel da Inovação Tecnológica. Está investindo atualmente na primeira fábrica de chips do Brasil com capital completemente privado, em um investimento de R$ 1 bilhão.
Tenho vergonha de viver em um país que valoriza Neymar e esquece seus verdadeiros heróis. Parabéns a todos esses que honraram a Patria de fato.

<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130121172646AAYslV3>

**O VÔO INAUGURAL DA HISTÓRIA DA AVIAÇÃO – OUTUBRO DE 1906.**



No primeiro vôo testemunhado publicamente de um artefato mais pesado que o ar, Santos Dumont percorreu a bagatela de 60 metros em 7 segundos de vôo, realizado no campo de Bagatelle na França. Os americanos irmãos Wright, supostamente realizaram primeiramente a proeza, em 1903, de fazer voar o primeiro avião da história, pena que a única prova documental seja uma mensagem telegráfica.

<http://minilua.com/10-fotos-importante-marcantes-historia/>